

ESCOLA DE ARTES VISUAIS
PARQUE LAGE

2 PERGUNTAS
AO DIRETOR
DA ESCOLA
LUIZ ALPHONSUS
DE GUIMARAENS

1 Como funciona hoje a
Escola de Artes Visuais?

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage é hoje uma unidade da Secretaria de Estado de Cultura e Esporte (SECE) vinculada diretamente ao Gabinete do Secretário de Cultura. Isto por determinação do atual Secretário Leonel Kaz, que assim resolveu proceder para agilizar a administração desta complexa Escola, que sem dúvida é a maior e mais importante do seu gênero no país. Uma escola de livre docência em que os alunos formam seu próprio currículo em cursos de teoria e prática: oficinas de desenho, pintura, gravura, escultura, fotografia, história da arte...

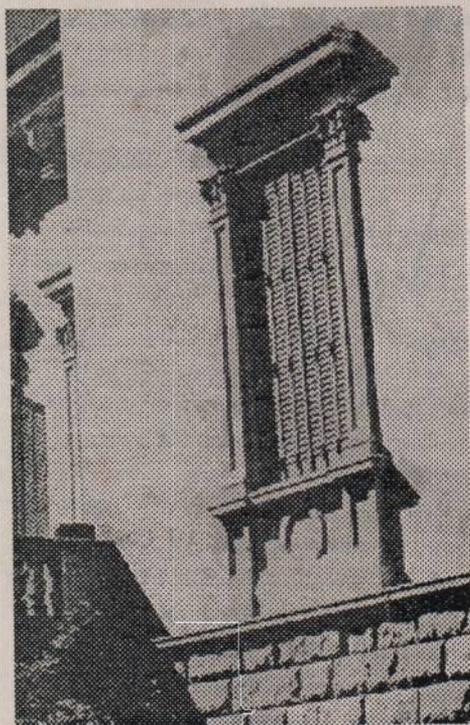
Atualmente, com 50 cursos a EAV é uma alternativa viável de política cultural. Paga os professores com a arrecadação dos cursos, viabiliza exposições, num trabalho conjunto da direção da Escola com a Associação dos Amigos da Escola de Artes Visuais (AMEAV), entidade sem fins lucrativos que capta recursos sem burocracia e sem demora. Esta Associação é hoje presidida pelo artista Carlos Scliar e pelo colecionador João Leão Sattamini (membros do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro).

2 Qual projeto tem a
Escola de Artes Visuais
para os próximos anos?

A EAV, conjuntamente com a AMEAV, elaborou o plano de "Restauro Ampliação da Escola de Artes Visuais",

um plano que consiste na recuperação total da Mansão dos Lage, a criação de um anexo para abrigar melhor os ateliês, e a recuperação das "Cavaliças", transformando este último espaço, num pólo de apoio empresarial, com finalidade de manter financeiramente todo o complexo da EAV.

Com a estruturação do "Projeto de Restauro", a EAV terá uma base mais sólida para manter permanentemente sua sede no Parque Lage, pois como se sabe, nesses 20 anos de existência, a classe artística sempre lutou contra tentativas de ter a sua Escola retirada do seu local. É claro que terão de ser vencidas muitas dificuldades, inclusive de bases jurídicas, e para tanto é necessário a colaboração da Procuradoria Geral do Estado bem como de todos os órgãos do governo.



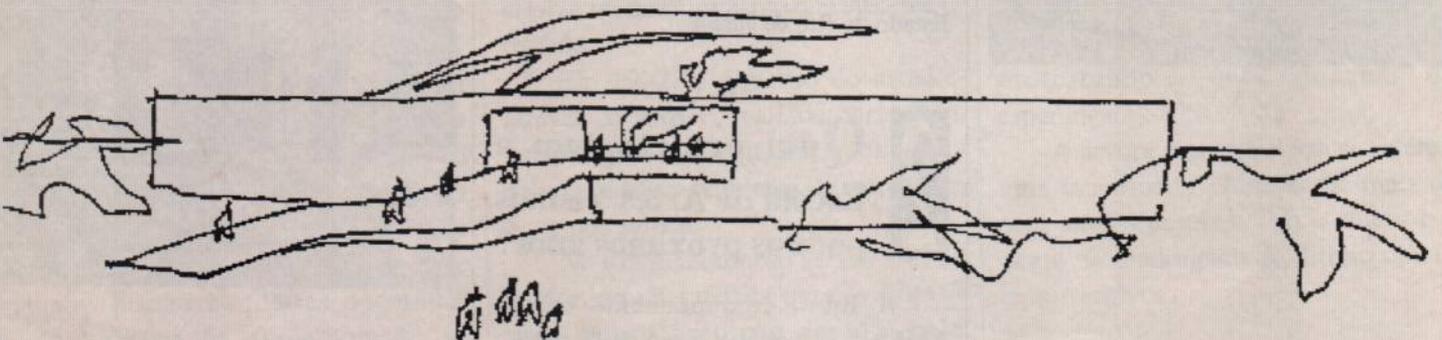
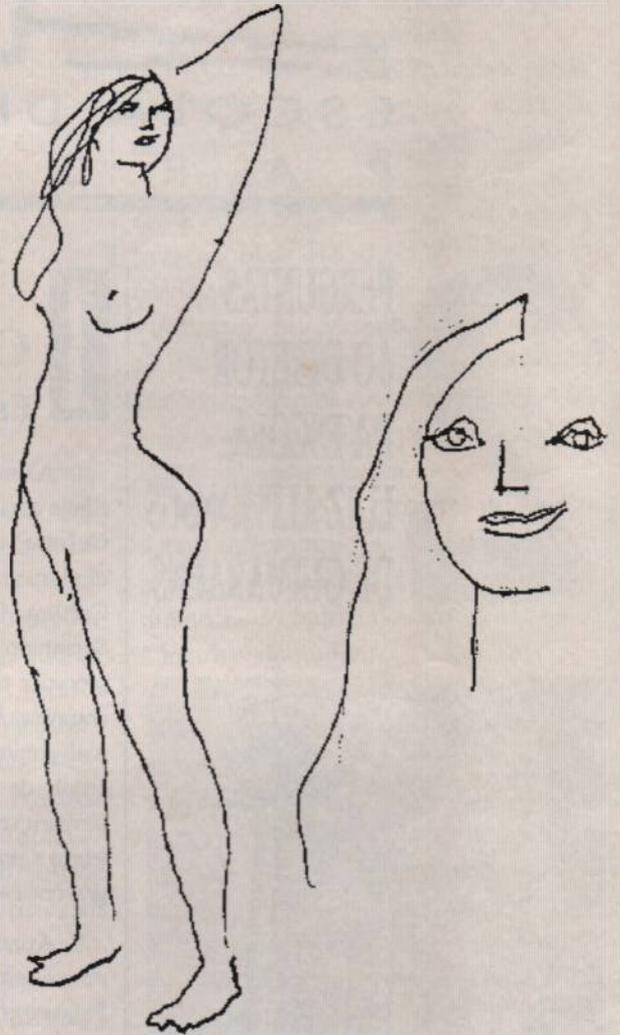
NIEMEYER D ESENHISTA

Sempre defendi a importância que tem para qualquer arquiteto ou artista plástico uma boa experiência do desenho figurativo. Mesmo se na sua profissão não tiverem interesse ou necessidade de desenhar uma figura humana, aquela prática lhes dará a habilidade manual do desenho à mão livre:

Quando redigi, em Alger, uma reforma do ensino da arquitetura, três coisas propunha. Uma, que o estudante aprendesse a escrever corretamente, de forma a defender com clareza seus projetos. Outra, que saísse da escola consciente deste mundo injusto que o espera pronto a assumir uma posição solidária e coerente. E outra, principal, que soubesse desenhar. Não o desenho técnico feito com régua e esquadro, mas o desenho à mão livre que, como disse, vai lhe permitir com facilidade conceber os croquis e projetos que seu trabalho de arquiteto reclama, desde o traço inicial.

Sem essa base fundamental tanto o arquiteto como o artista plástico seguem, sem querer, o caminho mais simples e menos criativo certamente por isso, como se vê com frequência, muitos são obrigados a defender a própria deficiência utilizando velhos argumentos de purismo que não lhes tiram o sentido repetitivo inevitável.

Inserido no desenho, um campo novo e paralelo de atividades lhes é oferecido, e o arquiteto principalmente se sentirá mais integrado nas artes plásticas, que afinal fazem parte da sua arquitetura.



OSCAR

Trechos de um texto de Darcy Ribeiro para o Livro "Meu Sósia e Eu".

Oscar Niemeyer é o fato cultural mais importante que sucedeu ao Brasil. Que seria de nosso passado sem o Aleijadinho? Estaríamos deserdados, empobrecidos, na mesma proporção em que ele, tendo existido, dignificou o nosso povo. Demonstrou como e quanto nossa gente mestiça é dotada da mais alta criatividade artística e cultural. Oscar é a mesma coisa, hoje. Um longo hoje, feito das décadas que ele vem iluminando com seu talento, através de obras de esplêndida beleza, distribuídas mundo afora.

Oscar é o maior artista vivo de nosso tempo. É o primeiro brasileiro que alcança essa categoria ímpar. Enquanto viveu Picasso, pensava-se que fosse ele. Agora, não há mais dúvida possível. É mesmo Oscar o artista que se imprimirá, indelével, nesse fim de século para durar na memória dos homens do próximo milênio e até depois. Assim é, porque de ninguém se pode dizer, em tempo algum, que tenha feito tantas obras de beleza assinalável como as melhores do seu tempo.

Bastaria ver Brasília. Uma cidade-capital inteira, saída toda de seus riscos, ornada dos únicos palácios da arquitetura moderna, esplêndidos palácios: o Alvorada, o Planalto, o Supremo Tribunal, o Congresso, o Itamarati e a Catedral mais majestosa e bela que jamais se viu.

Brasília, que é tudo isso, é, tão-só, uma das obras do Oscar. Antes, ele desenhou a Pampulha, onde forçou a arquitetura mundial a dar a volta por cima, a mudar de rumo. Até então, prevalecia a tacanhez do funcionalismo exacerbado. Ali se reconheceu, explicitamente, pela primeira vez, que a beleza é a única função importante, porque é a única capaz de dar permanência a uma obra arquitetônica.

Depois de Brasília, Oscar fez outras maravilhas: a Universidade de Constantine, por exemplo, que permanecerá até o fundo dos tempos, graças a Oscar, provando a altivez dos homens que fizeram a Revolução Argelina. O Espaço Oscar

Niemeyer, do Havre, onde uma praça, milenarmente varrida do sal e do frio das ventanias do Mar do Norte, se abriga sob uma cobertura e se alça em estupendas edificações. Quando a vi, caí de espanto e de medo de ver caírem de seus muros curvos os jovens que dançavam, subindo e descendo. O Memorial da América Latina, que fará de São Paulo, um dia, a capital da Nação Latino-Americana, é, acho eu, a mais arrojada e bela das obras arquitetônicas de nosso tempo.

O mínimo que podemos e devemos fazer, frente a Oscar, é adiantar a ele expressões de admiração que as futuras gerações lhe tributarão, generosamente. Apesar de inverossímil, a verdade é que às vezes nos deparamos com expressões de inveja da mediocridade, que reage raivosa à obra de Oscar. Isso ocorre, inclusive, na Universidade de Brasília que nós criamos. Seu Departamento de Arquitetura, composto com gente laçada na macega goiana, para suceder a equipe de Oscar, que se negou a ficar numa universidade avassalada pela ditadura, fez praça dessa mediocridade. A opinião que ali prevalece, oposta à obra de Lúcio e de Oscar, é fato teratológico, tanto mais espantoso porque a arquitetura e urbanismo de Brasília são as únicas coisas que a UnB tem para mostrar ao mundo. E que seguramente mostrará, nas décadas futuras, em que quantidades de jovens e velhos arquitetos quererão conhecer, ver, com seus olhos, esse acontecimento extraordinário, no campo das artes, que é Brasília.

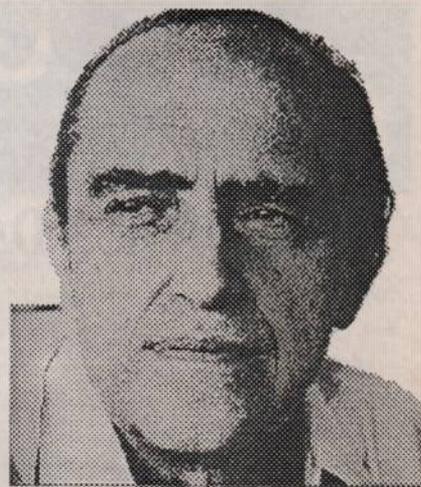
Embora indiferente a essas reações, mesmo porque muito mais numerosas e autorizadas são as expressões de inteira admiração de alguns dos homens mais lúcidos do mundo à sua obra, Oscar se preocupa supremamente em compreender e explicar teoricamente suas criações. Cada um de seus projetos é apresentado com um memorial, sempre muito bem escrito e sempre lúcido na argumentação.

A extraordinária criatividade de Oscar podia, até devia, dispensá-lo desse esforço, dizendo: os idiotas que se danem! Oscar jamais assumiu esta atitude soberba, de um artista mundialmente reconhecido, diante da crítica e do público. Justifica, defende e explica cada criação.

Não é tarefa fácil porque, fazendo sempre coisas novas, diferentes de tudo que se fez antes, mesmo porque seu forte é a inventiva, ele se dá a um esforço enorme para nos ajudar a compreender o que faz de tão inesperado. Até impensável, até que ele o tenha feito.

Vi Oscar criar muitas de suas obras, Brasília, principalmente. Depois, a Universidade de Brasília e a Universidade de Constantine. Ultimamente o Memorial da América Latina.

Há outros Oscars, além do arquiteto, pouco conhecidos: o escultor, o criador de móveis desenhista primoroso, o escritor, aliás grande escritor. Sua obra mais realizada nesse campo é uma autobiografia inédita. Nela, Oscar se desdobra, revivendo em palavras os recordos mais sentidos de sua vida inteira: a infância, a formação, as obras, os amores. Depois de publicada, muita gente vai poder sentir a grandeza desse ser humano, que é Oscar Niemeyer, o amigo dedicado, o amante amoroso, o conversador brincalhão, o homem seriíssimo que carrega nos ombros o peso das tristezas deste mundo, com o mais agudo sentido de responsabilidade social.





ASA DA MARQUESA DE SANTOS

Elizabeth Alves

O Palacete do Caminho Novo ou Solar da Marquesa de Santos situa-se no bairro de São Cristóvão. Foi mandado construir por D. Pedro I especialmente para sua favorita, D. Domitila de Castro Canto e Melo, a Marquesa de Santos, que nele residiu de 1827 a 1829. A propriedade foi vendida ao Imperador quando a Marquesa voltou para São Paulo, por ocasião do segundo casamento imperial com a princesa Amélia de Leuchtemberg. O Solar teve inúmeros moradores após a Marquesa, entre eles o Barão de Mauá, que ali residiu por dezenove anos.

Tombado em 1938 pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o principal acervo da Casa é o seu próprio prédio, de dois pavimentos, magnífico exemplar do estilo neoclássico francês. A planta é do arquiteto Pièrre Joseph Pézerat. As pinturas murais de Francisco Pedro do Amaral, aluno de Debret. As decorações externas e internas, em baixo-relevo, têm como tema a mitologia greco-romana e são atribuídas aos irmãos Marc e Zepherin Ferrez, membros da Missão Artística Francesa. A maioria das portas e janelas possui bandeiras decoradas com corações. Os assoalhos são em madeiras brasileiras trabalhadas.

Vários materiais estrangeiros foram usados na construção, como ferro de procedência inglesa e vidros coloridos franceses.

A integridade material do prédio permaneceu intacta, uma vez que as alterações sofridas durante o século passado não modificaram o seu aspecto inicial de maneira significativa. Pelo contrário, as obras mandadas executar pelos seus diversos proprietários deixaram marcada a evolução sofrida pela ornamentação do interior arquitetônico ao longo de todo o século. Isso torna esse monumento único e uma rica fonte de dados para inúmeras pesquisas e análises de caráter artístico, histórico, social e arquitetônico.

O prédio, atualmente sede do Museu do 1º Reinado, encontra-se interditado, aguardando verba para execução de obras na cobertura. Há algum tempo o Museu luta com problemas de infiltração de águas pluviais e infestação de cupins, inclusive no madeiramento que sustenta o telhado.

Em 1992, o governo do estado, através da EMOP, realizou obras para substituir todas as telhas quebradas, solucionando o problema de entrada de água nos salões.

No dia 1 de outubro de 1993, após o término da referida obra, a EMOP vistoriou o prédio e decidiu pela interdição do Museu.

Na madrugada do dia 9 de agosto de 1994, dez metros de gesso estuque decorado que compunham a sanca do Salão dos Deuses desabaram, danificando a parte elétrica, o piso e parte da pintura decorativa da parede.

Em janeiro de 1995, duas outras salas perderam parte do teto.

Em outubro de 1995, nova perda no Salão dos Deuses, com o desabamento de um medalhão pintado.

Há dois anos estamos vivenciando, dia a dia, a degradação de um valioso patrimônio. Há dois anos somos obrigados a impedir a entrada de visitantes no Museu, alguns deles turistas estrangeiros que, inconformados por não poderem conhecer a Casa, vão para a calçada olhar pelas janelas os salões do andar térreo.

Há dois anos os projetos do Museu foram interrompidos. Projetos ligados à área de educação, à preservação da memória do bairro de São Cristóvão e à história da mulher.

Há dois anos os funcionários do Museu vêm presenciando a morte lenta de um doente que agoniza à espera de um remédio que, por incrível que possa parecer, existe. Salvar a Casa da Marquesa é um compromisso com as futuras gerações, é prioridade, antes que seja tarde demais.

Em julho de 1986 a A.M.A. São Cristóvão, comemorando 420 anos de história do bairro, lançou nas escolas um concurso de redação. Valéria da Conceição, do Colégio Cardeal Leme, foi uma das cinco vencedoras. Ela diz: "... Fica aqui o meu protesto, o de uma estudante que, como todos os outros, só quer o bem para o seu bairro. Afinal, nós vivemos aqui. Lembrando sempre que aquela árvore plantada no meio da rua, na Avenida do Exército, está lá protestando... uma imagem da esperança..."

A árvore à qual Valéria se refere - uma tamarineira plantada há mais de cem anos - desabou sob a chuva e o vento da madrugada do último dia 18 de novembro.